

## O OTIMISMO

Na semana passada resolvi mexer nos guardados, que toda casa tem. Encontrei um monte de objetos "utilíssimos"; uma torneira quebrada, uma fechadura sem trinco, meia resistência de chuveiro, uma câmara de ar podre, pedaços de couro ressecado, 5 pares de sapato 42 (meu pé é 44), 12 calças que eu vestia quando tinha 18 anos, 3 latas de graxa preta (só uso marrom), duas "folhinhas" de 1981, duas geladeiras, com os motores queimados. Vou parar, embora faltem 1.500 itens. Guardamos essa tranqueira toda, mercê de uma suposta utilidade ou é sovinice mesmo?

Depois, passei para o escritório, onde encontrei mais uns 200 trambolhos, inclusive um compasso sem ponta, uma faca sem lâmina, um grampeador antiqüíssimo (sem grampos), um autorama usado pelos filhos, 30 anos atrás. Criei coragem e joguei tudo no lixo, ouvindo a bronca intermitente da esposa enfurecida com o desperdício.

No meio da busca, encontrei um livro maravilhoso - **OS CONTOS DE VOLTAIRE**, o francês genial, cujo quociente intelectual (QI) era 190, enquanto o nosso não passa de 110 ou 120. Reli o seu "**CÂNDIDO OU O OTIMISMO**", escrito para criticar o filósofo Leibniz, que era otimista demais. Cândido era

aluno do mestre Pangloss, que lhe inculcava ensinamentos notáveis:

- Cândido. Você mora no melhor dos mundos, num grande país, sua casa é a mais importante. Tudo está bem, tudo vai bem. A harmonia preestabelecida é a mais bela.

O aluno acreditava cegamente no professor, mas, um dia deu um beijo em sua prima Cunigundes, levou um pontapé no traseiro e foi expulso do castelo, pelo pai da amada. E as desgraças começaram: dormiu ao relento, passou fome, foi para a prisão, sofreu torturas e mil outros sofrimentos.

Não obstante, Pangloss o consolava, afirmando: estamos num mundo maravilhoso, o país é do primeiro mundo, o estado é o mais adiantado, nossa cidade é uma jóia. Não ligue para os pequenos contratempos. Tudo está bem.

Fui lendo. A noite caiu, a madrugada chegou. Depois amanheceu. Ouvi um barulho na porta. Era o jornaleiro. Fui ler as manchetes. Só deu notícias ruins: inflação galopante, corrupção em todos os níveis, sonegação de impostos, fraudes, golpes contra a previdência, alimentos estragados nos armazéns, crianças morrendo de fome, outras chacinadas, assaltos, estupros, demagogia de políticos. O Presidente e o seu Ministro da Fazenda perdidos como cachorro que cai do caminhão de mudança na estrada.

Como um sonâmbulo virei as páginas, procurando uma esperança. Cademo de esportes. O fracasso da seleção de futebol; a incompetência do treinador, o desentrosamento dos jogadores, as vaias, o perigo da não classificação para a copa. E a seleção era a menina dos olhos, o maior orgulho, a rainha do tricampeonato, o patriotismo de chuteiras. Fiquei com os olhos cheios de água. Que coisa triste!

Li sobre o Estado de São Paulo: crimes, corrupção, estradas esburacadas, professores mal pagos, ensino decadente, revolta na casa de detenção, greves, disputas salariais.

Fiquei de saco cheio. Pisoteei o jornal. Fui pegar o Mille, para sair e esfriar a cabeça. O quintal estava "coalhado" de fuligem, proveniente da queima de cana, a roupa lavada, no varal, estava suja. Ainda há gente que fala na luta contra a poluição.

Saí para a rua e topei com o inacabado prédio de apartamentos, cuja construção começou 15 anos atrás. Segui em frente, passei na padaria, onde comprei o pão e leite. Peguei a nota e pensei:

Por que o pão e o leite são os mais caros da região e do Estado? É um mistério!

Continuei até à caixa d'água. Olhei para a estrada antiga, a do Quadro. - Cadê o asfaltamento prometido pelos políticos, de ontem e de hoje?

Engoli amargo, mas prossegui. Vi um laranjal mal tratado, cuja renda não cobre o custeio. Pensei: o preço da laranja está no chão, mas indústrias nadam em dinheiro. Vai haver desemprego, fome, desespero.

Voltei para a cidade, às 8:30. Uma grande fila estava na porta do correio. Gente simples, pobre, esperando ganhar no Papa-Tudo ou na Tele-Sena. Dentro do prédio, mais filas, atendidas por 2 funcionários atenciosos, mas que não dão conta do recado (seriam necessários mais 4). O correio virou casa de jogo, incrementada pela ganância, e pela televisão. Para postar um carta se perde uma hora.

A boca ficou mais amarga. Desci a Valentim Gentil. Na casa lotérica, explorada pelo governo, mais gente humilde e pobre, jogando na loto, na sena, na federal, nas raspadinhas. Outra casa de jogo, escancarada, para tomar o dinheiro do povo, a comida dos miseráveis, o leite das crianças. Será que eles não sabem que no jogo bancado, o apostador não leva vantagem e só ganha a banca?

Deixei o centro, fui para perto do campo do Oeste. Porca miséria! Depois de campeão do Estado, o futebol acabou em Itápolis. Coitado do rubro-negro, infelizes os torcedores.

Cansei de lamentar. Recordei a história da turco que estava num trem, xingando e batendo nos seus dois filhos. Um senhor vestido e muito educado, chamou-lhe a atenção:

- Pelo visto, os meninos são seus filhos. Você não pode espancá-los assim. É preciso ter paciência, muita paciência, mormente com crianças.

Enfurecido, o árabe respondeu:

"Baciência?" - Mulher fugiu com o quitandeiro, casa ficou abandonada. Primeiro filho "encheu" as calças. Segundo filho engoliu as passagens. E o senhor vem falar em "baciência"?

O País vai mal, o Estado, também. Os governos não sabem o que fazer. Está faltando dinheiro em nossa cidade.

Só falta um professor filósofo dizer que a nação é a melhor do mundo; que o Estado é o mais adiantado, da federação; que esta é uma cidade rica, uma beleza. Não ligue para os pequenos dissabores. Tudo está bem, tudo está ótimo... para a gente mandá-lo prá aquela que o pariu...